



DISCURSO

& SOCIEDAD

Copyright 2007
ISSN 1887-4606
Vol 1(4) 701-704
www.dissoc.org

Reseña

Lupicínio Iñiguez (coordenador) *Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais*. Petrópolis/Rio de Janeiro. Vozes. 2005. 2ª edição. 312 págs. ISBN 85.326.3004-9

O livro *Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais*, organizado por Lupicínio Iñiguez, foi lançado em sua segunda edição no Brasil, atendendo à imensa procura de estudantes, pesquisadores, professores e estudiosos do campo das ciências sociais, humanas e da saúde. Lupicínio Iñiguez tem realizado um fecundo intercâmbio com pesquisadores latino-americanos, principalmente no campo da psicologia social e da saúde coletiva.

A edição brasileira do livro compreende sete capítulos, uma apresentação do autor e um prefácio de Teun van Dijk, que ao prefaciar a obra refaz o percurso da psicologia social na Europa, indicando as peculiaridades de cada uma de suas correntes e enfatizando a importância da psicologia social crítica ao colocar em evidência o papel da linguagem nas relações sociais, como instrumento de denúncia e de luta para reduzir as desigualdades, especificamente às de classe, gênero e raça.

No primeiro capítulo: “O giro lingüístico”, Tomás Ibáñez mostra as implicações do chamado giro lingüístico na ênfase que passou a ser atribuída à linguagem e na elaboração de novos conceitos sobre a natureza do conhecimento, refutando o caráter representacional do conhecimento e os essencialismos: “não é dentro de nossa mente que temos que olhar para saber como pensamos e sim, para nossos discursos” (pg. 27).

No segundo capítulo, Lupicínio Iñiguez compara a análise do discurso (AD) com outros enfoques metodológicos qualitativos e mostra a diversidade de procedimentos que se abrigam sob este conceito. O autor elege cinco perspectivas que utilizam a análise do discurso: o giro lingüístico, a teoria dos atos da fala, a pragmática lingüística, a etnometodologia e algumas das contribuições de Michel Foucault. Esses eixos teórico-metodológicos têm em comum a “análise do discurso”, que a partir de Foucault, passaria a ser entendida como “práticas discursivas”, deixando claro que “falar é fazer algo, é criar aquilo de que se fala, quando se fala”.

No capítulo seguinte, denominado “Análise do discurso nas ciências sociais – variedades, tradições e práticas”, o autor nos ensina *como fazer* em análise do discurso, trazendo o aporte da AD como método e perspectiva em ciências sociais. Por meio do questionamento “como fazer uma análise do discurso?”, o autor nos ajuda a colocar em prática as etapas propostas pelas correntes anglo-saxã e francesa da AD. De modo claro e preciso, percorremos as etapas de trabalho, iniciando pela definição do processo a ser analisado; seleção do material relevante para a análise, o entendimento dos efeitos discursivos de um texto e a análise propriamente dita, identificando procedimentos metodológicos como os atos de fala, o uso da pragmática, da retórica, dos repertórios interpretativos e das polaridades presentes em um texto sob análise. Para a escola francesa que recebeu contribuições substantivas de Bakhtin e de Michel Foucault, a análise implica diferenciar texto e discurso; distinguir entre locutor e enunciador e operacionalizar o corpus. Lupicínio elenca as modalidades da análise do discurso que estabeleceram um diálogo interdisciplinar: a sociolingüística interacional, a etnografia, a análise da conversa, a análise crítica do discurso e a psicologia discursiva. Além do mais, salienta que a análise do discurso não pode se restringir a um mero exercício acadêmico, não se podendo perder a compreensão do papel da AD como ferramenta para a transformação social (pg. 152). Esse entendimento da ciência trazido pelas práticas discursivas é fundamental para os países de Terceiro

Mundo, onde à contramão dos movimentos sociais e governos populares, os postos acadêmicos estão tomados por grupos conservadores que têm assegurado a hegemonia dos velhos paradigmas positivistas, que advogam uma ciência como espelho da realidade, um pesquisador neutro e atribuem a determinação das desigualdades/iniquidades sociais aos comportamentos individuais ou estilos de vida das populações.

O capítulo 4, redigido por Charles Antaki e Félix Diaz, aporta elementos práticos para problematizar e analisar dados de pesquisa em análise da conversação. Já o capítulo 5 “Psicologia Discursiva” da autoria de Derek Edwards contém os princípios teórico-práticos da psicologia discursiva. A psicologia discursiva pressupõe que conceitos psicológicos comuns – percepções, memórias, emoções, etc. - encontram-se entranhados nas ações sociais, nos discursos e nas conversas do dia-a-dia. Em ambos os capítulos, os autores trazem excertos de diálogos ajudando na compreensão das ferramentas de trabalho.

Luisa Martin Rojo apresenta a análise crítica do discurso (ACD), uma perspectiva em que o discurso e a ação do analista são percebidos como práticas sociais. A ACD tem como objetivo aguçar a consciência crítica dos falantes proporcionando-lhes ferramentas para a análise dos próprios discursos e dos discursos alheios. Nos países europeus, esses pesquisadores têm explorado as xenofobias construídas em torno do migrante. Na América Latina, a ACD certamente poderá nos ajudar a dissecar os discursos racistas, misóginos, homofóbicos das classes dominantes repetidos *ad nauseam* pelos grupos comprometidos com as oligarquias e as elites.

No capítulo final, “Práticas discursivas como estratégias de governamentalidade: a linguagem dos riscos em documentos de domínio público” da autoria das pesquisadoras brasileiras Mary Jane Spink e Vera Menegon há uma contribuição importante na interseção entre a psicologia social e a saúde coletiva. Ao escrutinar a linguagem dos riscos, as autoras mostram que esse processo teve início com as táticas de disciplinarização da vida privada, identificado por Foucault em *Microfísica do Poder*, consubstanciado através de medidas de higiene e da moral da prevenção, e atualmente, pelo autogerenciamento da saúde. “O estilo de vida como forma de autocontrole é a face mais famosa desta reorganização” diz Spink (pg. 280). Assim, por meio do modelo epidemiológico de risco, ocorre uma naturalização do social e uma relativização dos determinantes históricos, socioeconômicos e

ambientais das doenças, transferindo a responsabilidade da saúde para cada pessoa, que irá obtê-la/ou não por meio de um estilo de vida adequado.

Em suma, o livro *Análise do Discurso em Ciências Sociais* traz aportes das diversas correntes teóricas aglutinadas em torno da concepção de discurso e, embora haja pluralidade nos diferentes enfoques epistemológicos e metodológicos, os autores e autoras encontram um consenso expresso no entendimento dos efeitos sociais e políticos das práticas discursivas. Esse livro oferece para o contexto latino-americano, marcado pelas profundas desigualdades sociais, possibilidades críticas e transformadoras de se fazer pesquisa. Uma das contribuições da perspectiva discursiva é a constatação do caráter político das investigações, ajudando na solução de problemas do dia-a-dia das pessoas, abrindo possibilidades para as diversas modalidades de intervenção social, para o trabalho junto aos movimentos sociais, às minorias e aos/às aliados/as do poder.

A visão crítica e discursiva da psicologia social pode impactar na América Latina, diz van Dijk já no prefácio, “onde devido aos problemas sociais, políticos e econômicos, uma psicologia que não fosse capaz de contribuir para uma análise crítica da sociedade seria no mínimo irrelevante” (pg.13). Obras como o *Manual de Análise do Discurso*, enriquecem a caixa de ferramentas de investigadores/as sociais latino-americanos/as empenhados/as em legitimar pesquisas qualitativas ainda rotuladas como “não científicas” em alguns espaços e fóruns de discussão.

A “conversa” entre psicologia social e saúde coletiva aponta muitos pontos de reflexão e ação conjunta. Fazer pesquisa para mudar a realidade é um dos compromissos dos/as psicólogos/as sociais discursivos/as e dos/as trabalhadores/as e pesquisadores/as de saúde, que propugnam a implicação com o trabalho, a construção de um conhecimento comprometido com a denúncia das desigualdades, historicamente construído e socialmente justo. Para a construção desta agenda esse livro tem muito a contribuir.

Stela Nazareth Meneghel

Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, RS. Brasil

meneghel@unisinis.br